



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ**

## **Cinema como dispositivo potencializador de pesquisas multirreferenciais**

Projeto apresentado como pré-requisito ao ingresso no Pós-doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Mirian Maia do Amaral*

Rio de Janeiro

Maio/2015

# Cinema como dispositivo potencializador de pesquisas multirreferenciais

*Mirian Maia do Amaral*

## Resumo

A cibercultura, cenário contemporâneo, mediado por tecnologias digitais em rede, vem, de forma crescente, impactando processos educativos e alterando dinâmicas sociocomunicacionais e culturais. É nesse contexto, fundamentados nos princípios da complexidade (Morin) e da multirreferencialidade (Ardoino), alinhados à abordagem dos cotidianos escolares, que discutiremos, o cinema como um dispositivo que favorece a emersão de currículos que integram saberes científicos aos saberes construídos na cultura, no dia-a-dia das cidades, das mídias e das artes, contemplando, dessa forma, a diferença, a diversidade, a alteridade, a autonomia e a autoria. Nessa perspectiva, objetivamos transcender a simples utilização do cinema como criação artística e ilustração da realidade, para englobar os aspectos culturais, históricos, literários e políticos a ele inerentes, e oportunizando, mediante conversas e narrativas, o desenvolvimento de novas visões de mundo ao entrelaçar arte e educação, de forma harmônica e prazerosa.

**Palavras-chave:** cibercultura, pesquisas multirreferenciais, cotidianos, cinema, narrativas imagéticas

## Do encantamento ao prazer de conhecer, sentir e fazer acontecer

Voltar meu olhar ao passado, narrar situações do cotidiano vivenciadas em muitas escolas por que passei, e refletir sobre minhas itinerâncias no exercício do magistério, exigem puxar os fios de acontecimentos, pessoas e memórias enredados nos *espaçostempos*<sup>1</sup> por onde andei, e atualizar histórias de vida, personagens e experiências, para melhor pinçar aspectos significativos que me identificam e de alguma, ou muitas formas, relacionam-se ao meu atual objeto de

---

<sup>1</sup> Nos grupos em que desenvolvemos nossas pesquisas, os termos articulados como esse – e outros que aparecerão no texto – são assim grafados na tentativa de indicar os limites que as dicotomias do pensamento da modernidade criaram/criam ao desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2012).

estudo: *o cinema como dispositivo potencializador de pesquisas multirreferenciais*. Mas, o caminho é longo, e há de se ter bom senso para evitar redundâncias.

Assim, no emaranhado dessas lembranças, desponta a poesia, simples e arrebatadora, de Manoel de Barros, poeta brasileiro, ao afirmar que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem barômetros. Essa importância há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós<sup>2</sup>. Diante dela, concluo que ser professor é encantar-se; e o encantamento nos impele a explorar alternativas para minimizar, quiçá solucionar, questões que emergem no dia-a-dia de nossas atividades docentes.

Foi assim que, embalada por esse canto poético, realizei, no período de 2012- 14, meus estudos de doutoramento. Minha tese, intitulada “*Autorias docente e discente: pilares de sustentabilidade na produção textual e imagética em redes educativas presenciais e online*” teve como campo de pesquisa o Curso de Graduação em Educação promovido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no âmbito das disciplinas: “*Cotidianos e Currículos*” e “*O Cotidiano Escolar: uma prática social em construção*” - conduzidas, respectivamente, de forma *online* e, presencial (30 horas-aula), e cujas programações envolveram situações de aprendizagem e práticas comunicacionais mediadas e estruturadas por tecnologias digitais em rede, e vivências de aprendizagem colaborativa e interativa.

Nessa ambiência, atuamos junto a graduandos provenientes de diferentes licenciaturas (Matemática, Letras, Biologia, Artes, Educação Física, Filosofia, entre outras), com idade média de 23 anos, compartilhando esses *espaçostempos* com outras professoras-formadoras.

Ao desenvolvermos nosso estudo sobre a materialidade de autorias compartilhadas em redes educativas, recorreremos ao pensamento de Certeau (2003), quando afirma que o percurso de uma análise inscreve seus passos, regulares ou zigzagueantes, por sobre um terreno habitado há muito tempo, dado que os acontecimentos humanos – individuais ou sociais, são sempre resultantes de determinações históricas, reais, contraditórias e impregnadas de significados.

Nesse sentido, a escolha da UERJ como campo de pesquisa se justificou na medida em que foi nessa instituição que concluí meu primeiro curso superior; e como já dizia um comercial de TV, “da primeira experiência ninguém se esquece”.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://frases.globo.com/manoel-de-barros/12835>. Acessado em: 20.08.2013.

Além disso, atuar, em turmas de graduação, como docente-pesquisadora implicada, é ratificar minha preocupação com experiências formativas tecidas na associação *prática-teoria-prática*, na medida em que, ao longo de minha vida profissional, sempre lecionei, além de assessorar professores quanto ao processo *ensinoaprendizagem*.

Essa inserção, em “um terreno habitado há muito tempo”, ocorreu, portanto, no embricamento de três momentos diferentes: presente, passado e futuro. Dessa forma, a possibilidade de dialogar com os praticantes da pesquisa – “habitantes desse terreno” - permitiu recompor a experiência vivida, por meio de uma narrativa limitada por um *espaçotempo*, que se amplia, quando nos tornamos sujeitos das ocorrências.

Nesse percurso, investiguei como os professores, além do que é instituído nos currículos formais, trabalham a diversidade cultural, de modo a contribuírem para a formação identitária de seus alunos e o desenvolvimento de processos autorais. Atos de currículo, articulados ao uso de dispositivos móveis e à rede, foram criados para dialogar com o currículo tradicional, aproximando o *dentrofora* dos espaços escolares, valorizando, dessa forma, a multirreferencialidade.

Dispositivos materiais e intelectuais, como mediadores nos processos de formação, potencializaram a produção de sentidos contemporâneos. Entre eles, destacaram-se o diário de campo e os ambientes virtuais *Facebook*, *Moodle*, *Wikispaces* e o *Youtube*.

Narrativas individuais e coletivas foram produzidas e compartilhadas e novas leituras, interpretações e mediações foram sendo acrescentadas, pelos praticantes, favorecidas pela interatividade e o diálogo em diferentes linguagens e mídias. Nessa perspectiva, exercitei minha criatividade e estimulei o protagonismo de nossos alunos, na busca de autorias ancoradas em outros dizeres, e sua reconfiguração criativa, procurando “pistas” que me possibilitassem reconhecê-las, em suas produções textuais e imagéticas. Desse modo, identifiquei três “elementos”, a que intitulei “dimensões” integrativa, formativa e tecnológica, a partir dos quais formulei um conjunto de “indicadores, que contribuíram para a emersão pré-autorias, autorias formadoras e autorias criativas, sob formas variadas.

Larrosa (2004) afirma que a experiência é o que nos passa, ou nos acontece, ou nos toca; e o que importa é ser sujeito dessa experiência, estar exposto a tudo que isso pode trazer, em termos de vulnerabilidade e risco. Assim, a vivência de

imagens midiáticas nas redes de aprendizagem, levou-me ao encantamento, tal como descrito por Manoel de Barros, sendo decisiva na formação e organização de minha visão de mundo. No entanto, tal experiência trouxe-me novas inquietações; despertando-me o desejo de ir além. O uso intensivo de dispositivos midiáticos, especialmente aqueles associados à produção de vídeos e exploração de filmes levou-me à busca de uma perspectiva ecológica de pensar a relação entre mídia e educação, de forma integrada, na qual a multirreferencialidade ganha destaque, possibilitando a construção de sentidos e significações e, conseqüentemente de novos aprendizados.

Diante de projeções cinematográficas, formas articuladas de pensar causam-nos espanto, surpreendem-nos, mexem com nossos brios, queimam nossas faces, chocam-nos, muitas vezes, e colocam em xeque conceitos, preconceitos, culturas, atitudes e valores. Mais do que apresentar respostas, a arte cinematográfica nos faz refletir e propor perguntas; foge da racionalidade ilusória do mundo, inventa novos estados e pontos de vista, questiona, rompe paradigmas e nos agracia com a ambigüidade, em lugar de certezas. Diante dela, vivenciamos as experiências propostas pelos artistas que nos colocam em contato com a sua criação, e estabelecemos elos e compartilhamentos com outros sujeitos, nas diferentes redes que habitamos.

Nesse contexto, é fundamental compreender de que forma o cinema, com sua linguagem imagética, pode ser utilizado para potencializar pesquisas multirreferenciais, nos diferentes *espaçotempos* de aprendizagem. Ao reconhecermos esse dispositivo e seus usos como possibilidades formativas multirreferenciais, objetivamos, neste estudo, além da criação artística e da fruição estética, por ele possibilitadas, oportunizarmos o desenvolvimento de novos olhares; dando visibilidade ao que nos parece invisível, além de voz ao silêncio e aos silenciamentos, proporcionando, dessa forma, o casamento da arte com a educação, harmônica e prazerosamente. Ao trazê-lo para o centro dos debates, pretendemos articulá-lo a práticas educativas, que façam emergir narrativas, em estéticas e gêneros diversos, mediante integração das linguagens textual, imagética e sonora.

## **Cinema como dispositivo potencializador de pesquisas multirreferenciais**

As transformações mundiais ocorridas nas últimas décadas têm impactado diferentes áreas das atividades humanas, exigindo uma reflexão mais profunda sobre os problemas contemporâneos e seus entrelaçamentos com a produção acadêmica em educação. Com a crise do paradigma hegemônico, que caracteriza a ciência moderna, surgem novas formas de pensar as diferentes redes educativas (presenciais e *online*) que se instauram - verdadeiros espaços de reinvenção, de criação e de recriação, no qual a vida flui, de forma dinâmica e integrada, e os sujeitos se articulam, formando e se formando como cidadãos e profissionais, produtores de conhecimentos e significações, além de consumidores de informações.

Currículos tecidos em rede ganham sentido, na medida em que os sujeitos se tornam mais exigentes e críticos, dialogando e interagindo com outros sujeitos, ao participarem, ativamente, de comunidades de conhecimento, num universo mediado pelas tecnologias digitais e telemáticas. Dessa forma, transformam o mundo e a si próprios, *dentrofora* da escola, *espaçostempos* nos quais representações individuais e coletivas são expressas, por vezes, contraditoriamente, nas *prácticasteorias* que criamos, transmitimos e reproduzimos, afirma Alves (2008), contribuindo para um projeto de educação mais amplo. Esses currículos exalam vida; explodem nas interações cotidianas para além dos currículos formais prescritos, para falarem de vida, de existência como currículo-formação, impulsionando ações e reconfigurando redes de saberes.

Assim, torna-se impossível desvinculá-los do cenário sociotécnico e cultural, representado pela Cibercultura, e caracterizado pelo uso intensivo de tecnologias digitais em rede, no ciberespaço e nas cidades, sob o risco de criarmos um *gap* entre processos culturais e de aprendizagem. Nessa ambiência, novas lógicas se instituem, novas conexões emergem e novos actantes<sup>3</sup> - humanos e não humanos entram em ação, deixando seus rastros e produzindo efeitos na rede, numa relação dialógica, ressalta Latour (2012), dado que “a comunicação consciente (linguagem humana) é o que faz a especificidade biológica da espécie humana” (CASTELLS, 2003, p. 10).

---

<sup>3</sup> Termo cunhado por Latour (2012) para designar pessoas (humanos) e instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, entre outros (não humanos).

A Cibercultura assume, dessa forma, a complexidade da realidade, pondo em evidência as práticas sociais, que emergem de diferentes contextos, pois, ao contrário da escolarização, que se desenvolve em ambientes fechados, nessa modalidade, a aprendizagem vai muito além dos muros da escola e da universidade, relacionando-se, de forma híbrida, com os *espaçostempos* que nos cercam. Cria, assim, espaços intersticiais na conjugação do ciberespaço com as cidades (SANTAELLA, 2010), dado que as tecnologias móveis estão construindo um espaço de mistura inextricável entre o virtual (o ciberespaço) e o mundo físico, adicionando-lhe funcionalidade.

A maneira como nos relacionamos com o *outro*, *dentrofora* dessas redes, que integram valores, éticas e estéticas diversificadas, assume um caráter político, afirma Macedo (2012). Nelas, a articulação de conhecimentos, habilidades, comportamentos, funcionalidade e significação constitui uma aprendizagem formadora, “[..] que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros” , assegura Josso (2004, p. 39). Funciona, desse modo, como campo de lutas - uma estratégia para fugir da imposição dos modelos hegemônicos, inventando outras formas de fazer e viver por apostar nas práticas curriculares como uma ação de ordem política.

Nos processos de comunicação humana, o papel da “palavra” é de tal magnitude, que a verbalização ganha centralidade em relação a outras formas de linguagem. No entanto, em tempos de Cibercultura, com a emergência da mobilidade ubíqua, conectada ao ciberespaço e às cidades, as imagens vêm ocupando espaços, cada vez mais significativos (SANTOS, 2014).

Assim como a linguagem escrita nos permite tomar consciência do mundo e de nossa cultura, de forma sistemática e conceitual, imagens estáticas, ou em movimento, constituem as narrativas do mundo contemporâneo e nos fornecem novos elementos para compreendermos o próprio conceito de narrativa. Para Barthes (2007), o texto não comenta as imagens, nem as imagens ilustram o texto. Ambos, em seus entrelaçamentos, querem garantir a circulação e a troca desses significantes: o corpo, o rosto, a escrita; e neles ler o recuo dos signos. Assim, as práticas pedagógicas podem ser analisadas por meio de suas representações imagéticas ou descrições verbais ou, ainda, como acentua Sgarbi (2007), na articulação entre essas linguagens.

É nesse contexto que o cinema pode ser utilizado para potencializar pesquisas multirreferenciais, baseados em processos de *ensinoaprendizado* que impliquem o desenvolvimento da reflexão e da capacidade crítica e criadora, a fim de ampliar as problematizações para além de sua apropriação didática como simples ilustração dos conteúdos formalizados nos programas curriculares oficiais.

Reconhecer a necessidade desse olhar multidimensional requer o abandono do pensamento linear, unitário e reducionista característico da ciência moderna, e a adoção de olhares e explicações plurais, direcionados aos fatos, práticas e situações dos fenômenos educativos, a partir de sistemas de referências distintos, enfatiza Macedo (2012). Nessa perspectiva, as produções que emergem

[...] podem revelar modos de ser e viver contemporâneos, retratar culturas locais, socializar conhecimentos universais, e tratar de questões sociais e políticas, que podem ser explorados por um currículo plural que dialoga com os cotidianos e com a subjetividade dos sujeitos, indo além da perspectiva de grade curricular (ALVES; NEVES; PAZ, 2014, p. 1261).

Diante desse quadro indaga-se: *o que significa olhar o mundo por meio dessas lentes? O que somos capazes de ver e o que se nos escapa ao olhar? Quais os impactos do uso desses artefatos nos modos de conhecer, fazer e sentir dos sujeitos? Como essas tecnologias da imagem podem nos ajudar a construir um conhecimento crítico do cotidiano escolar?*

Ao discutirmos essas questões, é nosso propósito trazer narrativas cinematográficas, sejam sob as formas de documentário, ficção e animação, entre outras, articulando saberes científicos aos saberes do cotidiano, na tentativa de dialogar com o poder instituído, que insiste em modelar e, muitas vezes engessar, iniciativas docentes que visam potencializar nossa leitura do mundo, “permitindo-nos dialogar com outras leituras e histórias de leitura – nossas e dos *outros* – articulando-as, com a pluralidade dos elementos éticos, estéticos e políticos”, como enfatiza Santos (2010c, p. 107-8). Nesse sentido, estaremos ampliando nosso olhar e nosso modo de fazer, sentir e agir, além de ativar nosso poder criador num processo de aprendizagem significativa, em cotidianos reinventados.

### **Ancoragem teórico-metodológica**

Apresentamos, a seguir, um breve panorama das opções que sustentam este estudo. Em seu desenvolvimento, iremos dialogar com os conceitos de *cibercultura*, como cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a



produção e a circulação em rede de informações e conhecimentos, que se imbricam na cidade e ciberespaço (Edméa Santos); e de *educação online - EOL*, como uma emergência da cibercultura, não podendo ser entendida como uma evolução das práticas de educação a distância convencionais, pois exige metodologia própria, que pode inspirar mudanças profundas no modelo de transmissão, tão comum na sala de aula presencial (Marco Silva).

Buscaremos subsídios nas contribuições sobre temáticas relacionadas à *linguagem textual*, tomando como fundamento os pressupostos básicos da teoria dialógica do discurso, que postula uma relação intrínseca entre língua, linguagem, história e sujeitos; ou seja, que “toda a vida da linguagem, seja a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, entre outras, está plena de relações dialógicas (Mikhail Bakhtin). Estudos sobre *imagens e cinema*, propriamente dito, terão como base pensamentos e ideias de Michel Foucault, Walter Benjamin, Nilda Alves, Gilles Bergala, Lynn Alves, Conceição Soares, Adriana Fresquet, entre outros.

Em relação à metodologia, adotaremos os princípios da *multirreferencialidade*, que “se propõe a uma leitura plural, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros” Ardoino (1998, p. 7), exigindo o abandono do pensamento linear e reducionista, característico da ciência moderna, e a adoção de um olhar multidimensional, que reconhece a complexidade e a heterogeneidade que caracterizam as práticas sociais. Buscaremos respaldo, também, nos princípios da *complexidade*, e suas implicações, amplamente discutidos por estudiosos, como Jacques Ardoino, Roberto Macedo. Para tratarmos de *cotidianos - uma complexa rede de saberes*, para além dos curriculares, e campo no qual sentidos e significações emergem, trazendo, em si, o que os praticantes fazem deles/neles/com eles, *conversaremos com Nilda Alves, Inês Barbosa e Michel de Certeau*.

No exercício da docência, ao longo dos anos, vivenciamos uma diversidade de saberes/fazer; uma variedade de práticas, de estratégias e de táticas, que nos possibilitam fazer o que fazemos e, principalmente, o que ainda poderemos fazer para melhorar nossa realidade, numa atitude responsiva e responsável.

A descoberta de espaços de interação e diálogo, presenciais e *online*, em diferentes redes educativas do Programa de Pós-graduação em Educação – PROPED/UERJ, bem como as discussões contínuas travadas com diferentes praticantes dessas redes, contribuíram para que, como membro do Grupo de

Pesquisa Docência e Cibercultura - GPDOC<sup>4</sup>, dominássemos a linguagem institucional e reconhecêssemos suas regras implícitas, compartilhando situações de aprendizagem e tecendo o conhecimento, de forma contínua. Coulon (1995a) concebe, como membro de um grupo, aquele que possui um conjunto de atributos que o tornam capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que o cerca; alguém que demonstra a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e ser aceito. Nessa perspectiva, pretendemos compartilhar nossas experiências com esses parceiros intelectuais, em suas práticas cotidianas, envolvendo-nos com os acontecimentos e a possibilidade de sermos por eles tocados.

Como afirma Heidegger (1987),

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer; “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (p. 143).

Nesse contexto, o cinema se nos apresenta como um dispositivo potencializador de pesquisas multirreferenciais, na medida em que entendermos que, diferentemente da narrativa escrita, em que podemos detalhar as características físicas e emocionais dos personagens, nas narrativas cinematográficas, todas essas características ficam por conta do olhar e da percepção do espectador, capaz de captar desde as expressões corporais e faciais dos personagens, até aspectos relacionados à cenografia e à trilha sonora; o que constitui um valioso objeto de estudo, que deve ser explorado nos cotidianos escolares, possibilitando que os sujeitos assumam o papel de autores conscientes de todas as formas de influência, passando a repensar o que, de fato, querem para suas próprias vidas.

Nessa perspectiva, apoiados em filmes, tais como: Escritores da Liberdade, Escola da Vida, Narradores de Javé, A Onda, Para sempre Alice, Hoje Eu Quero Voltar Sozinho, Lixo Extraordinário, Vidas Cruzadas, entre outros, e tendo como

---

<sup>4</sup> Informações disponibilizadas em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0326708YAKR1CM>. Acesso em: 06.10.2013.

base o conceito e a prática do cineclube, apresentaremos algumas resenhas desses filmes, articulando seus roteiros a temas presentes na escola e na educação, para além dos clichês instituídos nos cotidianos escolares, abrindo as portas para outras formas de ler, ver, sentir e conceber o mundo, deslumbrando novos aprendizados; o que exige entender que cinema é esse, e como se instituem essas possibilidades. Para tanto, nosso estudo será sustentado em dois eixos, quais sejam:

***Eixo 1: A prática do diarismo sobre narrativas cinematográficas.***

Os diários, sejam pessoais ou de pesquisa, descrevem, de forma minuciosa e reflexiva, percepções acerca de nossas ações e reações nos cotidianos, em geral, ou especificamente, no campo de pesquisa. Por meio deles, compartilhamos impressões, sentimentos, inquietudes e interpretações, assim como expressamos dificuldades vividas nas relações com o Outro, nas quais a ideia de alteridade se torna fundamental. Dessa forma, podemos repensar o acontecimento, sem as costumeiras lentes que ofuscam nossa visão da realidade; analisar, com mais segurança aquilo que foi observado e anotado; e construir novas visões/versões a partir das experiências registradas.

Como expectadores, num processo dialógico contínuo, moldaremos a experiência cinematográfica, ao mesmo tempo em que seremos por ela moldados. Assim, torna-se necessário pensarmos alguns aspectos relevantes, norteadores de nossos registros quando exercitarmos a prática do diarismo:

- *Qual é a relação entre o filme, nossas experiências docentes e a sociedade?*
- *Como certas representações sociais estão presentes nas narrativas cinematográficas, reinscritas e recicladas?*
- *Que tipos de dificuldades experimentamos na prática do diarismo?*
- *Como podemos superá-las?*
- *Como nos inserimos nas práticas engendradas, como atores e autores (praticantes culturais) do processo educativo?*
- *Quais os dilemas vividos e como os gerenciamos?*
- *Como vemos nossa participação, e a dos outros?*
- *Como devemos utilizar o diário para enriquecer nossas experiências – de modo restrito ou compartilhado?*
- *Como percebemos o mundo, a partir dos símbolos que nos são inculcados?*

## **Eixo 2: O cinema como dispositivo propulsor de multirreferencialidades**

Buscaremos vivenciar práticas educativas que nos possibilitem reinventar cotidianos escolares, *dentrofora* da escola, apoiados em filmes nacionais e estrangeiros. Nossa proposta, aqui, é trabalhar com resenhas de filmes e narrativas com e sobre imagens cinematográficas. Dada à necessidade de termos clareza sobre o que é uma resenha, na medida em que nos dirigimos a um leitor virtual, para resenharmos a obra de terceiros, e, para que esse trabalho seja bem-sucedido, algumas questões devem ser pensadas, como por exemplo:

*Quem é o autor? Em que o contexto sócio-histórico e cultural a obra foi criada? Que outras obras foram produzidas por este autor? Qual é o seu teor? Qual ano de sua origem?*

- *Quais as ideias principais da obra? Quais as ideias secundárias? Qual é a mensagem que o autor quer passar com sua obra? Que relação pode ser estabelecida com os conteúdos da disciplina? Como narrar, objetivamente, o conteúdo dessa obra?*
- *Qual sua opinião geral sobre a obra? Como essa obra poderia ser apropriada, em atos de currículos? Como poderia ser utilizada em sala de aula? A que público pode ser indicada?*

Também é nosso objetivo, explorar as temáticas que emergem dos filmes, para além da leitura de textos impressos, e de narrativas imagéticas, para vivenciarmos outras experiências formativas, associando-as à produção de vídeos, histórias em quadrinhos, charge/cartum, painéis fotográficos, teatro/dramatização e música, entre outras formas de linguagem.

## **Referências**

ALVES, Lynn Rosalina G.; NEVES, Beatriz da Cruz N.; PAZ, Tatiana S. da. *Revista e-Curriculum*. São Paulo, maio/out./2014, nº 12, v. 2. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acessado em: 08.04.2015.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: Oliveira, Inês. B.; Alves, Nilda (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008, pp. 15-38.

ARDOÍNO, Jacques. Pesquisa multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: Barbosa, Joaquim. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação*. São Carlos: UFScar, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3ª Ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BARTHES, Roland. *O império dos signos*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BERGALA, Alain. *A Hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

COULON, Alan. *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995a.

HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. *In: De camino al habla*. Barcelona: Serbal, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2004.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Roberto S. Atos de currículo e formação: o príncipe provocado. *Revista Teias. Currículos: problematização em práticas e políticas*. Rio de Janeiro: UERJ, jan./abr. 2012, v. 13, nº 27, pp. 67-74.

MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1996b.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. As imagens e a educação *online*: convergências entre o cinema e os fóruns de discussão no contexto de uma pesquisa-formação multirreferencial. In: Berino, A.; Soares, C (Orgs). *Educação e imagens: instituições escolares, mídias e contemporaneidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2010c, v. 1, pp. 105-124.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2014.

SGARBI, Paulo Sergio. Ver através das imagens [e textos] práticas escolares possíveis. In: Educação e imagem. *Jornal Eletrônico*, mai.- jun.2007, ano 1, nº 1. Disponível em: [www.lab\\_eduimagem.pro.br/jornais/ed\\_img/.../fazendo\\_escola.pdf](http://www.lab_eduimagem.pro.br/jornais/ed_img/.../fazendo_escola.pdf). Acessado em: 14.01.2015.

SILVA, Marco. *Criar e professorar um curso online: relato de uma experiência*. In: Silva, Marco. (Org.). *Educação online*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Formação de professores para a docência online*. In: Silva, Marco (Org.). São Paulo: Loyola, 2012.